



Análise dos conectores “com o objetivo de” e “com o intuito de” à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso

Analysis of the connectors “com o objetivo de” and “com o intuito de” from the perspective of Usage-Based Functional Linguistics

Ivo da Costa do Rosário

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

ivorosario@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0003-1315-6787>

Brenda da Silva Souza

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

brendasouza045@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5344-9045>

Resumo: Sob o escopo teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso, o presente trabalho objetiva analisar as principais propriedades morfosintáticas e semântico-pragmáticas das microconstruções conectoras *com o objetivo de* e *com o intuito de*. A coleta de dados foi realizada nos *corpora* de modalidade escrita do português brasileiro contemporâneo, organizados pelo Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional da Gramática e Tradução (NUPACT), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Por meio de uma análise prioritariamente qualitativa, os resultados indicam que, apesar de não estarem previstas nas principais gramáticas tradicionais, ambas as microconstruções atuam como conectores que veiculam a noção de finalidade em orações não finitas. Nessas orações, por sua vez, a posição dos conectores implica diferentes valores discursivo-pragmáticos. As microconstruções *com o objetivo de* e *com o intuito de* são formadas a partir dos processos de *neoanálise* e de *analogização* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Além disso, os dados investigados revelam que ambas podem ser consideradas aloconstruções, já que são atestadas em um quadro de variação construcional (cf. PEREK, 2015).

Palavras-chave: conectores; finalidade; Linguística Funcional Centrada no Uso.

Abstract: Under the theoretical-methodological scope of Usage-Based Functional Linguistics, the present work aims to analyze the main morphosyntactic and semantic-pragmatic properties of the connector microconstructions “*com o objetivo de*” and “*com o intuito de*”. Data collection was conducted in the written modality *corpora* of contemporary Brazilian Portuguese, organized by the *Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional da Gramática e Tradução* [Research Nucleus on Constructional Approach to Grammar and Translation] (NUPACT), of the Federal University of Juiz de Fora (UFJF). Through a primarily qualitative analysis, the results indicate that, despite not being accounted for in the main traditional grammars, both microconstructions act as connectors that convey the notion of purpose in non-finite clauses. In these clauses, in turn, the position of the connectors implies different discursive-pragmatic values. The microconstructions “*com o objetivo de*” and “*com o intuito de*” are formed from the processes of neoanalysis and analogization (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Furthermore, the investigated data reveal that both can be considered allostructions, as they can be attested in a framework of constructional variation (cf. PEREK, 2015).

Keywords: connectors; purpose; Usage-Based Functional Linguistics.

Recebido em 28 de julho de 2021

Aceito em 16 de outubro de 2021

1 Considerações iniciais

Este trabalho insere-se em uma agenda recente de pesquisas funcionalistas, no âmbito do CCO - Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações¹, que tem o intuito de construir um panorama descritivo-analítico completo do esquema [X de]_{connect} na língua portuguesa. A esse esquema, ligam-se diversas microconstruções instanciadas por dois subesquemas principais: [Adv de]_{connect} e [Prep [det] N de]_{connect}.

O debate em torno dos processos de combinação de orações está no centro das investigações do CCO e, conseqüentemente, tem suscitado diversas pesquisas que contrapõem ou ampliam as visões gramaticais mais tradicionais. No que diz respeito às chamadas orações adverbiais ou hipotáticas de finalidade, a abordagem teórica mais tradicional geralmente elenca algumas conjunções prototípicas que veiculam esse valor semântico, a saber: “a fim de [que]”, “para [que]”, “que” (no sentido de “para que”) (cf. BECHARA, 2003; HENRIQUES, 2003; KURY, 2003; LUFT, 2000; MELO, 2001; RIBEIRO, 2004; ROCHA LIMA, 1999).

¹ <http://cco.sites.uff.br>. Acesso em: 20/05/2021.

No entanto, uma análise de textos reais escritos deste século XXI mostra que há outras possibilidades de expressão da ideia de finalidade. Neste trabalho, focalizamos duas codificações possíveis, ligadas ao subesquema [Prep [det] N de]_{connect}. São os conectores² *com o intuito de*³ e *com o objetivo de*. Em comum, essas duas microconstruções são formadas pela adjunção de preposição (com/em), determinante (o), nome (intuito/objetivo) e preposição (de).

Vejam os dois dados iniciais, extraídos dos *corpora* do Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional da Gramática e Tradução (NUPACT)⁴:

- (1) Com investimento de 320 milhões de dólares, a empresa vai ampliar em 12% a capacidade instalada de sua fábrica em Pacheco, na Argentina, que enviará mais carros ao Brasil. Outra parte do investimento será alocada para as fábricas brasileiras, **com o intuito de** aumentar a eficiência das linhas já existentes. Para montar o novo Ka, por exemplo, a Ford já conseguiu um ganho de 26% na produtividade -- o que significa aumento de mais de 15 000 unidades por ano. “Neste ano, a Ford deve aumentar as vendas, mas dificilmente irá recuperar participação de mercado”, afirma o consultor Juliano Alquati, da CSM Auto, especializada no setor automotivo.

- (2) O biólogo americano Robert Trivers ficou famoso por seus estudos sobre o autoengano. Trata-se de um conceito simples: o ser humano mente para si mesmo **com o objetivo de** enganar de forma mais eficaz os outros. A ideia de Trivers, um evolucionista que passou boa parte da carreira na Universidade Harvard e na Universidade da Califórnia, se aplica tanto à conquista de uma companhia amorosa quanto à tentativa de inflar ativos no mercado financeiro.

Os dados (1) e (2), flagrados em textos escritos da atual sincronia, ilustram o que chamamos de *construção final instanciada*

² Entendemos o termo *conector* como “marcador especial que indica a natureza das conexões interacionais” (LANGACKER, 1977, p. 423-424). Logo, usaremos esse termo no plano da combinação de orações.

³ Mais à frente, apresentaremos uma variante desse conector, que também foi objeto de nossa investigação. Trata-se de “no intuito de”.

⁴ Disponível em: <https://www.ufjf.br/nupact/corpora/corpora-compilados/>. Acesso em: 20/05/2021.

pelos esquemas [Prep [det] N de]_{conect}. Em (1), observamos que os quatro elementos componentes (preposição “com” + determinante “o” + substantivo “intuito” + preposição “de”) perdem parte de sua composicionalidade (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) para formar o conector *com o intuito de*, que veicula a ideia de finalidade. No caso de (1), trata-se da finalidade do investimento direcionado às fábricas brasileiras. De modo semelhante, em (2), *com o objetivo de* introduz oração final, com o propósito de marcar uma prática do autoengano.

Outro ponto em comum entre os dados (1) e (2) é o fato de que, em ambos, os conectores ligam orações não finitas (nesse caso, infinitivas), rotuladas na Tradição como orações reduzidas de infinitivo. Para alguns autores, são também denominadas *entidades dessentencializadas*, isto é, sem caráter oracional pleno (GIVON, 1993; HOPPER; TRAUGOTT, 1997; LEHMANN, 1988), como veremos mais detalhadamente na seção de *Análise de dados*.

Neste trabalho, defendemos a hipótese de que as microconstruções conectoras finais *com o intuito de* e *com o objetivo de* são instanciadas pelo subesquema [Prep [det] N de] que, por sua vez, toma como base o esquema [X de]_{conect}. Os conectores em língua portuguesa, com base nesse esquema virtual, no eixo paradigmático, são formados a partir do fenômeno de analogização (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). No eixo sintagmático, são constituídos por meio dos processos de *chunking* (cf. BYBEE, 2007) e de neanálise (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Assim, as microconstruções em foco, cujas subpartes originalmente pertencem às categorias das preposições, dos determinantes e dos nomes, perdem parte de sua composicionalidade para veicular a nova função conectora.

O objetivo principal deste estudo é analisar as características morfofossintáticas e semântico-discursivas (cf. CROFT, 2001) das microconstruções de valor final (*com o intuito de* e *com o objetivo de*) ensejadas pelo subesquema [Prep [det] N de]_{conect} na atual sincronia do português do Brasil. Objetivamos, ainda, contribuir para o desenvolvimento das pesquisas funcionalistas acerca dos processos de conexão interclausais, especialmente no que diz respeito aos conectores não canônicos de finalidade, que atuam na ligação de orações não finitas. Com isso, oferecemos uma alternativa ao tratamento gramatical tradicional desse fenômeno, que limita a abordagem das chamadas orações subordinadas adverbiais finais a uma reduzida lista de conectivos canônicos que veiculam esse efeito semântico.

A fim de cumprir tais intentos, organizamos este artigo da seguinte forma: após estas *Considerações iniciais*, apresentamos os *Procedimentos teórico-metodológicos* adotados, descrevendo alguns pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Em seguida, procedemos à

Análise de dados, a partir da perspectiva de uma abordagem construcional da gramática. Por fim, as *Considerações finais* encerrarão este trabalho.

2 Procedimentos teórico-metodológicos

A Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU) é resultado da união dos estudos da chamada Linguística Funcional Clássica (ou Funcionalismo de vertente norte-americana) com aportes da Linguística Cognitiva, mais especificamente por meio da Gramática de Construções (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

Assim, a partir dos pressupostos compartilhados por essas correntes, tais como “rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem dela nos contextos reais de comunicação [...]” (FURTADO DA CUNHA; BISPO E SILVA, 2013, p. 14), a LFCU elege alguns aspectos que norteiam a investigação linguística: frequência de uso, inferências pragmáticas, modelagem das estruturas nos diferentes contextos etc., sempre partindo de dados reais de fala e/ou escrita, organizados em *corpora*.

Nesta investigação, adotamos a LFCU como linha teórica central por conta de sua estreita relação com a pesquisa empírica, dado que essa teoria tem se revelado “uma corrente eficaz na descrição de fenômenos cuja gênese e propagação são atestadas no uso das diversas comunidades linguísticas, congregando pressupostos funcionalistas, cognitivistas e construcionistas” (ROSÁRIO, 2018, p. 213).

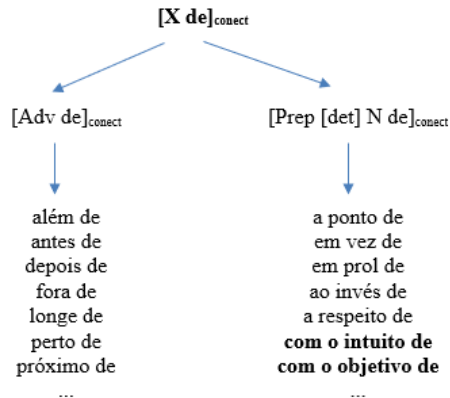
A abordagem da LFCU é orientada pela observação dos fenômenos linguísticos e de seus processos de mudanças, verificados tanto na sincronia quanto na diacronia. O seu objetivo principal é descrever a emergência, a regularização e a convencionalização de padrões construcionais, levando em conta os papéis desempenhados por cada um deles nas situações efetivas de comunicação. Por isso, acreditamos que esse aparato teórico é adequado para a análise da *construção final instanciada pelo subesquema [Prep [det] N de]connect*, uma vez que pretendemos estudar esse fenômeno a partir de dados reais, considerando o seu papel nas situações de uso linguístico real, na modalidade escrita.

A respeito do modo de análise, cabe mencionar que a LFCU considera tanto os aspectos formais quanto os funcionais no momento da descrição linguística. Logo, a consideração dos aspectos morfossintáticos

e semântico-pragmáticos é tarefa do linguista funcionalista, que busca proporcionar um tratamento holístico ao fenômeno em estudo.

Por meio da análise de dados de uso, flagrados no discurso e na interação linguística, é possível postular uma hierarquia construcional (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), considerando diferentes níveis de organização da construção na mente do usuário, dos mais abstratos aos mais concretos. Tomando como ponto de partida o fenômeno aqui em análise, essa hierarquia pode ser representada da seguinte forma:

Esquema 1 – Rede dos conectores [X de] em língua portuguesa



Fonte: Adaptação de Rosário (2020)

No nível mais alto, temos o esquema [X de]_{connect}, de natureza mais abstrata e virtual, com um único *slot* preenchido, ou seja, a preposição *de*. Em um nível intermediário, temos dois subesquemas: [Adv de]_{connect} e [Prep [det] N de]_{connect}. Ambos abrigam uma série de microconstruções (que não se esgotam na figura acima). Os dois conectores em estudo neste artigo (*com o objetivo de* e *com o intuito de*) pertencem ao segundo subesquema, como está destacado acima.

Uma vez que pertencem a uma hierarquia construcional, os conectores que veiculam a noção de finalidade são tratados como pareamentos simbólicos convencionalizados, ou seja, como construções. Esse conceito é tão importante nos atuais estudos funcionalistas que está atrelado à própria concepção de língua, definida como sistema constituído de pareamentos forma-significado, organizados em rede (GOLDBERG, 1995). Assim, defendemos que o conhecimento linguístico dos falantes é formado pelo conhecimento do *constructicon*, ou seja, dessa rede de construções, que são as unidades básicas da gramática.

O *constructicon* é dinâmico. Logo, nessa perspectiva, a gramática passa a ser vista como uma estrutura maleável, formada por um conjunto de construções que se moldam continuamente a fim de cumprir propósitos comunicativos. Com isso, o sistema está em constante processo de mudança, como as dunas de areia (BYBEE, 2007).

A diferença das perspectivas formalistas, na visão da LFCU, a gramática é considerada uma estrutura holística, isto é, não modular, na medida em que os diferentes níveis de uma construção funcionam de forma articulada. A dinamicidade do sistema linguístico é explicada a partir de uma clássica afirmação no campo dos estudos funcionalistas: o uso impacta o sistema (CUNHA LACERDA; FURTADO DA CUNHA, 2017).

Apesar de este trabalho propor um recorte sincrônico para análise, com base em diversas pesquisas empíricas já desenvolvidas, é possível defender que o surgimento das microconstruções *com o intuito de e com o objetivo de* se dá a partir de pressões de uso e de necessidades comunicativas dos falantes. As recategorizações sofridas pelas subpartes das microconstruções ocorrem devido à (inter)subjetivização (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2005), ou seja, ao desejo de os falantes serem cada vez mais expressivos. Essas modificações, por sua vez, não ocorrem de modo isolado na língua. Ao contrário, as microconstruções em análise devem ser consideradas em seus aspectos formais e funcionais no âmbito de uma hierarquia construcional, em relações de natureza vertical, horizontal e transversal.

Na análise construcional, três fatores são de especial importância: esquematicidade, produtividade e composicionalidade (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013). A esquematicidade diz respeito ao nível de abstração das construções, tendo em vista que esses pareamentos simbólicos podem ser bastante abstratos ou bastante específicos (além da possibilidade de haver diversos pontos intermediários). Essa organização esquemática das construções tem sido representada por meio de uma hierarquia comumente composta de três níveis: esquemas > subesquemas > microconstruções. Com base no Esquema 1, dizemos que [X de]_{connect} é o esquema; [Adv de]_{connect} e [Prep [det] N de]_{connect} são os subesquemas; as microconstruções são os conectores propriamente ditos, que ficam na base na figura. Por fim, os constructos são os *tokens* ou dados empiricamente comprovados no uso. A produtividade diz respeito à extensibilidade da construção, associada a sanções e restrições, o que também é aferido por meio do levantamento de frequência *type* e *token*. Por fim, a composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre forma e significado das construções. Pode ser de natureza sintática ou semântica.

A respeito dos procedimentos metodológicos que envolvem este estudo, salientamos que adotamos uma perspectiva prioritariamente qualitativa, mas sem desconsiderar a análise quantitativa. Além disso, a pesquisa conta com um viés sincrônico, uma vez que os dados analisados são deste início de século XXI.

A coleta de dados foi realizada nos *corpora* organizados pela equipe da Prof. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional da Gramática e Tradução (NUPACT), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Fizemos uso dos *corpora* sincrônicos, de modalidade escrita, coletados entre os anos de 2008, 2011 e 2014, o que somou 24.000.000 de palavras, entre textos de blogs, revistas formais e informais. Os *corpora* estão disponíveis no site do NUPACT, no endereço eletrônico <https://www.ufjf.br/nupact/corpora/corpora-compilados/>.

Para esse trabalho de levantamento de dados de uso, como já indicado, foram selecionadas previamente duas microconstruções com valor de finalidade:

- *Com o objetivo de*
- *Com o intuito de*

Ainda acerca do método de coleta de dados, evidenciamos que esse processo se deu a partir do mecanismo de busca disponível no próprio *Word*, uma vez que é possível ler os textos dos *corpora* por meio desse programa. Buscamos, portanto, por “intuito”, “com o intuito”, “com o intuito de”, “objetivo”, “com o objetivo” e “com o objetivo de”.

Cabe ressaltar que a escolha prévia das duas microconstruções conectoras oracionais se justifica apenas em função de um recorte necessário para o trabalho. Com isso, é possível identificar a produtividade e a ocorrência do subesquema [Prep [det] N de]_{connect}, assumindo valor de finalidade, em contextos de combinação de orações. Como este trabalho está inserido no contexto de uma agenda mais ampla de pesquisa, em etapas posteriores, haverá ampliação dos *corpora* e dos métodos de coleta de dados, a fim de identificar e investigar outras possíveis microconstruções veiculadoras de valor final.

No que diz respeito à análise dos dados encontrados, procuramos examinar não somente os aspectos formais da construção, tais como os fatores morfossintáticos de sua composição, mas também damos importância aos fatores semânticos, pragmáticos e discursivos (CROFT, 2001), além de fazermos considerações acerca da frequência de seus usos (BYBEE, 2007).

No escopo do aporte teórico da LFCU, este estudo adota os conceitos de *neoanálise* e *analogização*. A *neoanálise* consiste em micropassos na mudança construcional (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 36), à medida que uma construção já existente é gradualmente interpretada de forma diferente pelos usuários de uma língua. Esse conceito utilizado pelos autores é baseado na proposta de Langacker (1977, p. 58), para quem a reanálise se tratava de uma “mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve nenhuma modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação superficial” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 36). Já a *analogização*, segundo os autores, é um mecanismo ou processo de mudança que provoca correspondências de significado e forma que não existiam antes, tomando como base construções já existentes, de cunho mais concreto ou abstrato (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 38).

Por fim, cabe ressaltar que consideraremos também, em nossas análises, os conceitos de *variação construcional* (HILPERT, 2014) e de *aloconstruções* (PEREK, 2015). De acordo com os estudos de variação construcional, existem construções relacionadas por aproximações de ordem semântica ou pragmática. Para Hilpert (2014), a variação construcional é parte integrante do conhecimento da língua pelos falantes: os usuários de uma língua sabem como uma construção pode variar, ou seja, sabem quais variantes são possíveis e quais variantes não são. Perek (2015, p. 153), no âmbito desse campo de estudos, define as *aloconstruções* como as “realizações estruturais variantes de uma construção que é parcialmente subespecificada”.

Neste estudo sobre os conectores *com o objetivo de* e *com o intuito de*, acreditamos que esses conceitos de *variação construcional* e de *aloconstruções* são aplicáveis à análise, uma vez que não estamos tratando de diferentes construções, mas de variantes da mesma construção, como demonstraremos de maneira mais detalhada na seção de *Análise de dados*.

Desde já, vale destacar que a defesa da variação construcional não afeta princípios construcionistas básicos, como o da não sinonímia da forma gramatical (cf. GOLDBERG, 1995). A existência da variação construcional não prescinde de distinções sutis (de nível semântico ou pragmático) entre duas ou mais aloconstruções. Em outras palavras, é natural que *com o objetivo de* e *com o intuito de* apresentem diferenças entre si em algum nível. Aliás, como veremos, a própria frequência de uso já aponta essa diferença entre uma microconstrução e outra. Contudo, é razoável e plausível defender que ambos os conectores são

intercambiáveis em sua função de mapear finalidade, além de serem aparentados do ponto de vista morfossintático.

Feitas essas observações, na próxima seção, analisamos alguns contextos de uso dos conectores *com o objetivo de* e *com o intuito de*. Essa análise, como já apontamos, será realizada à luz dos referenciais teóricos da LFCU.

3 Análise de dados

A construção final instanciada pelo subesquema [Prep [det] N de]_{connect}, que abriga as microconstruções *com o objetivo de* e *com o intuito de*, está associada ao esquema [X de]_{connect}, conforme já apresentado no Esquema 1, na seção anterior.

Esse esquema, como tem demonstrado uma série de pesquisas em andamento no CCO (cf. ROSÁRIO, 2018, 2020), é bastante produtivo. As muitas microconstruções pertencentes a esse esquema costumam ser tratadas como preposições complexas, o que é plausível, sem dúvida. Contudo, esse rótulo escamoteia uma importante propriedade dos conectores *com o objetivo de* e *com o intuito de*, que é sua capacidade de ligar orações (ainda que dessentencializadas, não finitas ou reduzidas).

Devemos destacar que, sem dúvida, as preposições também têm valor conector, já que participam do domínio da conexão, ligando elementos. Contudo, a distinção entre *função prepositiva* e *função conectora* pretende revelar, com maior clareza, o papel das microconstruções associadas ao esquema [X de]_{connect} de ligar orações hipotáticas não finitas, especialmente infinitivas. A função prepositiva, por sua vez, em nossa visão, deve restringir-se aos casos em que esses elementos ligam constituintes em nível inferior ao da oração.

Na tabela a seguir, sintetizamos os resultados de nossa coleta de dados, em que organizamos os conectores *com o objetivo de* e *com o intuito de* com relação à posição no período (anteposição ou posposição):

Tabela 1 – Frequência *type* dos conectores *com o objetivo de* e *com o/no intuito de*

TYPE	ANTEPOSTO	POSPOSTO	TOTAL
COM O OBJETIVO DE	8	34	42
COM O/NO INTUITO DE	3	26	29

Fonte: autoria própria

Vale destacar que o uso preposicional clássico de ambos os elementos gramaticais complexos em destaque não foi objeto de análise, visto que nosso interesse está voltado para a combinação de orações. A partir desse recorte, com relação aos dados coletados, conforme a Tabela 1 indica, notamos uma maior produtividade do conector *com o objetivo de* em comparação com o conector *com o intuito de* (ou *no intuito de*, como explicaremos adiante): 42 ocorrências do primeiro e 29 do segundo, totalizando 71 ocorrências, em um total de 24 milhões de palavras.

Chama a atenção a baixa frequência *token* absoluta dessas duas microconstruções. Aliás, essa é uma das possíveis razões para os conectores *com o objetivo de* e *com o intuito de* não receberem a devida atenção por parte dos gramáticos. De fato, os fenômenos pouco frequentes e marginais tendem a ser desconsiderados na descrição gramatical, que tende a se ocupar do que é mais canônico. Essa baixa frequência, por sua vez, pode ser explicada em função da especialização (cf. HOPPER, 1991) desses conectores. Afinal, ambos atuam somente na combinação de orações não finitas. Logo, seu escopo tende a ser mais reduzido.

A seguir, vejamos, nos dados (3) e (4), um exemplar de cada *type*:

- (3) Segundo o diretor, cada parte tem tomado decisões unilaterais, de que são exemplos a própria aposentadoria dos ônibus espaciais da Nasa; o empenho da ESA em desenvolver o Veículo de Transferência Automatizado (ATV); e a opção do Japão por focar suas atenções no Veículo de Transferência H-II (HTV-II). As naves europeia e japonesa foram projetadas **com o objetivo de** levar suprimentos à estação e, assim como a russa Progress, não transportam astronautas.

- (4) A empresária Vanessa Nogueira, 31 anos, passou por isso. Aos 28 anos, fumante e usuária de anticoncepcional, ela sofreu um AVC. [...]. Confirmado o diagnóstico, ela foi tratada. Hoje, voltou à vida normal. Anda e dirige novamente e parou de fumar. Com o esforço dos especialistas, espera-se que casos como esse sejam cada vez mais raros. “As informações que estão sendo divulgadas devem ser conhecidas, além dos neurologistas, pelos clínicos gerais, geriatras e ginecologistas, **com o intuito de** reduzir o risco em mulheres”, diz o neurocirurgião Fernando Gomes Pinto, do Hospital das Clínicas de São Paulo.

Os dados (3) e (4) são *constructos*, isto é, dados reais de uso, que ilustram as instanciações das microconstruções pertencentes ao subesquema [Prep [det] N de]_{connect}. As microconstruções são os próprios conectores *com o objetivo de* e *com o intuito de*, revelando a ideia de finalidade.

Em (3), observamos que o conector *com o objetivo de* liga a oração com ideia de finalidade à oração matriz “As naves europeia e japonesa foram projetadas”. Nesse caso, a oração final busca explicitar a motivação da criação das naves em questão: apenas levar suprimentos, sem transportar astronautas.

Já em (4), o conector *com o intuito de* liga a oração final à matriz “As informações [...] devem ser conhecidas”, explicitando o objetivo de divulgar informações sobre o anticoncepcional, entre médicos de várias especialidades. Assim, observamos que, nos dois casos, o valor semântico de finalidade se constrói a partir de uma estrutura sintática normalmente não prevista pelas gramáticas tradicionais, o que confirma nossa defesa de que a gramática é afetada pelas diferentes situações de uso.

Considerando o *continuum* de integração de cláusulas, com base na clássica proposta de Hopper e Traugott (1997), observamos que a oração final (instanciada por *com o objetivo de* e *com o intuito de*) se situa entre a parataxe e a subordinação (ou encaixamento), já que se associa à hipotaxe. De acordo com os autores, as orações hipotáticas, as quais não são totalmente integradas à matriz, como as substantivas, não podem ser consideradas “independentes”, como as construções paratáticas. Assim, na hipotaxe, em termos sintáticos, o que se observa é um grau intermediário de integração oracional, com certa dependência relativa da matriz. Em nível semântico, essas orações cumprem a função de emoldurar a oração núcleo, normalmente acrescentando-lhe informações de fundo. É justamente o que ocorre com as orações introduzidas por *com o objetivo de* e *com o intuito de*.

Em (3) e (4), os conectores em análise não realizam o encaixamento de orações à matriz. Por outro lado, a informação encabeçada por eles também não pode ser compreendida de forma apartada do que foi dito anteriormente. Nesse sentido, podemos reiterar que há em cena um nível intermediário de integração, característico das construções oracionais hipotáticas.

A questão da posição da oração em relação à matriz é um tema bastante caro aos estudos funcionalistas, que se propõem a investigar os objetos de estudo de modo holístico. Diversos estudiosos, como Decat (2001), no estudo da hipotaxe, Dias (2002) e Marchon (2017), no estudo

das cláusulas finais, reiteram que a posição de uma oração pode, de fato, desencadear diferentes efeitos semânticos.

Apesar de pouco frequentes (apenas oito dados de *com objetivo de* e três de *com o/no intuito de*), os dados com a oração final anteposta merecem uma análise minuciosa em comparação com as construções finais pospostas, bem mais frequentes. Para Marchon (2017, p. 124), que estudou a relação entre argumentação e “hipotaxe circunstancial”, na qual inclui as cláusulas finais, “a anteposição ou a intercalação de um argumento o coloca em destaque, o que contribui para a tessitura da teia argumentativa”. Para a autora, portanto, não se pode desconsiderar o efeito de sentido decorrente da posição da oração hipotática final.

Dias (2002), inspirada nas análises de Thompson (1985), defende que as cláusulas de finalidade antepostas e pospostas compartilham a mesma forma, mas exibem um comportamento sensivelmente diferente na sua organização discursiva. No caso da oração final anteposta, a autora afirma que ela aponta para um “problema”, formando uma expectativa, de forma que a “solução” será apresentada na cláusula núcleo (oração matriz).

O dado (5) a seguir mostra como isso ocorre:

- (5) Você deixaria definitivamente de se depilar? Milhares de mulheres do mundo todo estão dizendo “não” à depilação e postando nas redes sociais fotos que vão de encontro às expectativas de beleza socialmente impostas às mulheres. **Com o intuito de** convencer a todos de que as mulheres podem e devem ter autonomia absoluta sobre o corpo que têm, uma campanha antidepilação começa a ganhar força nas redes sociais. Milhares de mulheres do mundo todo estão postando imagens em que aparecem com as pernas completamente peludas – sem o menor constrangimento.

Em (5), seguindo as análises de Dias (2002) e de Marchon (2017), observamos que o “problema” que se apresenta é convencer a população em geral sobre o fato de as mulheres poderem decidir sobre os seus corpos, especialmente com relação à questão da depilação, ainda considerada um tabu. Nesse caso, a anteposição da oração final nos revela um direcionamento argumentativo a partir da produção linguística do jornalista que elaborou a matéria: primeiro aponta o problema de se conseguir convencer a todos de que “as mulheres podem e devem ter autonomia absoluta sobre o corpo que têm” para depois ressaltar a campanha antidepilação, vista como “solução” para a questão apresentada

inicialmente. Nesse dado, percebemos que a anteposição proporcionou o efeito de destaque maior para a intenção da campanha (expressa na oração final anteposta), muito mais do que para a campanha em si e do local onde ela tem circulado (nas redes sociais).

No dado (6), podemos notar que o mesmo efeito de sentido já não se mantém. Vejamos:

- (6) Ainda falando em redes sociais, outro texto altamente compartilhado foi esse aqui, em que a editora de lifestyle do Buzzfeed resolveu passar uma semana fazendo todas as coisas populares do Pinterest. Ela resolveu seguir dicas de penteados, maquiagem (kontorno <3), do it yourself, dicas de arrumação e até mesmo de comidas, **com o intuito de** saber se a reputação de ser uma rede social da vida perfeita era mesmo verdade.

Com relação às cláusulas pospostas, Dias (2002, p. 51) ressalta que elas “expressam a finalidade do estado de coisas descrito na cláusula núcleo e apresentam uma função definida no discurso, ao dar uma motivação orientacional para uma série de ações”. Isso é justamente o que ocorre em (6), já que o segmento introduzido por *com o intuito de* revela a motivação para as ações descritas na oração matriz (cláusula núcleo): seguir dicas de penteado, maquiagem, arrumação, comidas etc.

O efeito argumentativo, nesse caso, não é o de se ressaltar a intenção ou a motivação da série de ações. Na verdade, considerando o contexto, o que se observa é o foco em ressaltar tudo o que a diretora do site Buzzfeed foi capaz de fazer para testar a ideia de uma vida perfeita nas redes.

Comparando-se os dados (5) e (6), observamos que há relevantes diferenças discursivas associadas à anteposição ou à posposição das cláusulas de finalidade iniciadas por *com o/no intuito de* e *com o objetivo de*, o que merece uma análise ainda mais aprofundada em estudos posteriores.

Dando prosseguimento à análise dos dados coletados, observemos os dados (7) e (8):

- (7) Termine Este Livro é o lançamento mais recente da autora e a ideia é bem parecida com a do Destrua esse Diário, com a diferença que dessa vez Keri nos dá uma pequena historinha e propõe várias atividades para executarmos no nosso dia a dia, **com o objetivo de** deciframos seu final. Depois do sucesso da Keri Smith, outros autores aproveitaram o gancho e resolveram lançar suas próprias obras interativas.

- (8) Mais de 200.000 fotos e vídeos de usuários do Snapchat, aplicativo que permite trocar fotos que desaparecem dez segundos após o envio, foram divulgadas na web neste domingo. As imagens, coletadas por meio do serviço de backup de imagens compartilhadas Snapsaved, foram armazenadas ao longo dos últimos meses. Com a promessa de guardar as imagens recebidas no Snapchat, os usuários forneceram suas credenciais de acesso ao site. Ainda não está claro se o Snapsaved foi invadido ou se foi criado **com o intuito de** acessar as imagens do Snapchat. Os rumores sobre o vazamento das fotos de usuários do Snapchat começaram na última sexta-feira, quando hackers afirmaram no site 4Chan que estavam organizando o material para divulgar ao longo do final de semana

Como vimos, as microconstruções analisadas são instanciadas a partir do subsesquema [Prep [det] N de]_{connect}, o qual, por sua vez, submete-se ao esquema [X de]_{connect}, que forma conectores em língua portuguesa a partir dos processos de *chunking* (cf. BYBEE, 2007) e de neoanálise (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Portanto, vamos propor algumas reflexões sobre a formação desses conectores em português.

Em (7), a preposição “com”, o determinante “o” e o nome “objetivo”, já existentes em outros contextos e utilizados em outras situações comunicativas de forma independente, são neonalisados, isto é, reinterpretados na língua, de modo que os elementos perdem parte de sua composicionalidade para veicular a função conectora, expressando a ideia de finalidade. Em (7), o conector *com o objetivo de* encabeça uma oração não finita com o propósito de expressar finalidade, no caso, de decifrar o final de uma história proposta pela autora Keri Smith. O mesmo ocorre em (8), com o conector *com o intuito de*, cujos elementos também passaram pelo processo de neoanálise. Nesse dado, o conector é responsável por introduzir a noção semântica da possível motivação para a criação do aplicativo Snapsaved.

Dessa forma, observando os dados (7) e (8), assim como os demais dados analisados, sob a perspectiva da LFCU, percebemos que a neoanálise é um dos processos responsáveis pela formação dos conectores estudados. Afinal, a justaposição dos elementos e sua frequência de uso levaram ao empacotamento de uma nova forma e de um novo significado, que não é derivado da mera soma de suas partes. É verdade que *objetivo* e *intuito* por si sós revelam a noção de finalidade. Contudo, é o “todo”

(*com o objetivo de* e *com o intuito de*) que se convencionaliza e se automatiza na língua na função de conectores de hipotaxe final (e não os nomes nucleares em si).

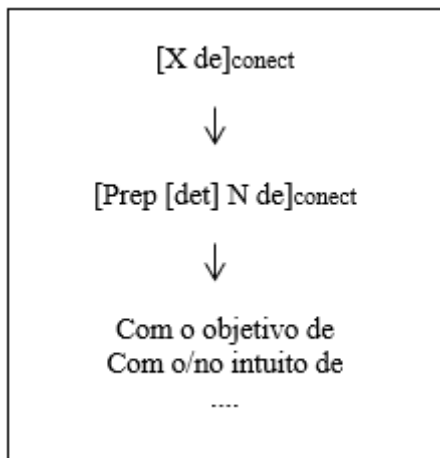
Ainda com relação à neoanálise, vale destacar que esse fenômeno ocorre em função do *chunking*, considerado o processo que gera unidades complexas de organização a partir de partes singulares. Segundo Bybee (2007), o processo de *chunking* gera *chunks* como produtos: seqüências de unidades embaladas como unidades de sentido. Uma observação importante é que o fenômeno de *chunking*, na visão de Bybee (2007), é gradual. Nesse sentido, é possível defender a ação desse fenômeno ao mesmo tempo em que reconhecemos uma relativa composicionalidade de *com o objetivo de* e *com o intuito de*.

Essa é mais uma diferença das microconstruções conectoras estudadas neste artigo em relação ao canônico *para*. Devido à complexidade e à relativa transparência de *com o objetivo de* e *com o intuito de*, não é possível considerá-los ainda como conectores canônicos totalmente fixados na língua. Ademais, devemos somar essa questão ao fato de esses conectores só relacionarem orações não finitas. Assim, a neoanálise e o *chunking* ajudam-nos a caracterizar melhor as propriedades dessas microconstruções.

De outro ponto de vista, a formação de *com o objetivo de* e *com o intuito de* se dá também por analogização, uma vez que a existência do padrão subesquemático [Prep [det] N de]_{connect} serve justamente como modelo virtual e abstrato para a formação desses conectores e de muitos outros, como ficou demonstrado no Esquema 1. Em síntese, a neoanálise age em nível horizontal, no plano sintagmático, e a analogização, por sua vez, age em nível vertical, no nível paradigmático. A conjugação de ambas propicia o contexto ideal para o surgimento desses elementos na língua (cf. ROSÁRIO, 2020).

No esquema 2, sob uma perspectiva construcional, destacamos a rede representativa dos conectores de finalidade analisados neste trabalho.

Esquema 2 - Rede dos conectores de finalidade instanciados pelo esquema [X de] na língua portuguesa



Fonte: autoria própria

No esquema 2, organizamos as microconstruções conectoras estudadas sob o ponto de vista da abordagem construcional da gramática. A verdade é que o esquema [X de]_{conect} possibilita a emergência de inúmeros conectores no Português Brasileiro, como *além de*, *longe de*, *perto de*, *em vez de*, *em lugar de* etc. (cf. NOVO, 2020). A partir desse esquema, em um nível logo abaixo na hierarquia construcional, observamos o subesquema [Prep [det] N de]_{conect}, que, por sua vez, permite a formação de conectores como *com o objetivo de* e *com o/no intuito de*, além de outros.

Ainda sobre a rede exposta no Esquema 2, salientamos que marcamos as reticências logo abaixo dos conectores *com o objetivo de* e *com o/no intuito de* para deixar claro que há outras microconstruções que se organizam a partir do mesmo subesquema e que também veiculam a noção de finalidade, como *com o propósito de*, *com o fito de* etc. No entanto, por ora, não aprofundaremos esse tópico, pois o foco deste estudo reside nas duas microconstruções já apresentadas.

Acrescentamos que a coleta de dados flagrou o aparecimento de oito ocorrências (em um total de 29) com a contração “no” (em + o), seguindo a estrutura prevista no subesquema: preposição (em) + determinante (o) + nome (intuito) + de. O dado (9) ilustra esse caso:

- (9) O premiê terá de encerrar formalmente sua ligação com o partido que fundou há treze anos a partir do dia 28 deste mês, quando toma posse como presidente. Para liderar a legenda e também para substituí-lo no cargo de primeiro-ministro, Erdogan busca nomes leais, **no intuito de** se eternizar no poder. Seu governo impõe um autoritarismo crescente no país, o que desagrada parte da população, mas não abala o apoio oriundo da parcela mais religiosa, que é maioria nas áreas rurais e vive submetida ao clero islâmico.

Em (9), a oração matriz “Erdogan busca nomes leais” se articula hipotaticamente à oração final “no intuito de se eternizar no poder”. Ao compararmos o dado (9) com (1), (4), (5), (6) e (8), cujo preenchimento do *slot* se deu com “com” + “o” + “intuito” + “de”, podemos observar mais uma vez a atuação do fenômeno da analogização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Nesse processo, novas construções são formadas a partir de exemplares já existentes. Assim, pode-se postular que a formação de *no intuito de*, por ser menos frequente e, portanto, provavelmente mais recente, deu-se por analogização, com base em uma microconstrução concreta, no caso, *com o intuito de* (mais frequente).

Para analisarmos outro aspecto teórico importante no estudo funcional dos conectores *com o objetivo de* e *com o intuito de*, vejamos os dados (10) e (11):

- (10) “Hoje é um grande dia de comemoração, mas, amanhã, já temos que encarar a responsabilidade dessa nomeação. O mundo precisa da cultura da paz”, discursou Nizan, acompanhado da mulher, Donata Meirelles (41). “Pretendo desenvolver campanhas **para** falar direto com os jovens por meio das mídias sociais **com o objetivo de** multiplicar os projetos da Unesco e compartilhar a responsabilidade da educação entre todos”, completou. Bethy Lagardère cuidou pessoalmente de cada detalhe da noite no tradicional restaurante Laurent, onde se reuniram a nata da sociedade parisiense e celebridades brasileiras.
- (11) [...] E foi esse sistema que, logo depois do anúncio do pedido de transferência de Valério para o presídio mineiro, descobriu que líderes da facção Comando Mineiro de Operações (Comop) estavam combinando um plano para arrancar dinheiro do operador do esquema. “Sabem que o Valério tem dinheiro, posses e poder. Por isso se articularam”, disse um agente penitenciário

à ISTOÉ. A trama foi confirmada pelo coordenador do Comando de Operações Especiais do presidio. “**Com o intuito de** coibir isso, redobramos a vigilância **para** monitorar individualmente esse preso com poder aquisitivo. Não queremos trazer um fato político para dentro da nossa unidade”, disse Adeilton Souza Rocha, que também preside o sindicato dos agentes penitenciários de Minas Gerais.

Os dados (10) e (11), a partir de seus contextos de uso, exemplificam claramente o que chamamos de *variação construcional* (cf. HILPERT, 2014). Como se pode observar nessas ocorrências, além da microconstrução conectora *com o objetivo de*, em (10), e *com o intuito de*, em (11), há outro conector de finalidade no mesmo contexto (“*para*”), que ocorre nas orações infinitivas “para falar direto com os jovens por meio das mídias sociais” e “para monitorar individualmente esse preso com poder aquisitivo”, respectivamente.

Esses casos ilustram o fenômeno da variação construcional, ou seja, realizações estruturais variantes de uma mesma construção (PEREK, 2015). Mais especificamente, trata-se de uma variação no polo formal, visto que a diferença se dá em termos de codificação, mantendo-se o mesmo sentido básico de finalidade.

O contexto de uso semelhante (no nível textual) de ambos os conectores (*para x com o objetivo de; com o intuito de x para*), em (10) e (11), revela alternância entre as microconstruções, que podem ocupar um mesmo espaço funcional. Nos termos de Capelle (2006), essas diferentes codificações expressam um mesmo valor de verdade, caracterizando uma real situação de variação. Assim, *com o/no intuito de, com o objetivo de e para* são variantes construcionais ou aloconstruções (cf. PEREK, 2015) veiculadoras de um mesmo valor semântico, no caso, de finalidade.

Por fim, para apresentar um último tópico relevante na descrição dos conectores aqui estudados, vejamos o dado (12), que indica uma composição diferente do que vimos até aqui:

- (12) Os dois membros da tripulação permanente da Estação Espacial Internacional (ISS) cumpriram as atividades no tempo previsto - seis horas e meia - com apoio da nave Atlantis, que se acoplou à estação no domingo. A caminhada começou às 10h22 (horário de Brasília) **com os objetivos** principais **de** remover uma peça do sistema de resfriamento, quebrada em 2010, e instalar um módulo de abastecimento de satélite.

Em (12), observamos que a microconstrução *com o objetivo de se* apresenta de modo diferente dos demais casos vistos até o momento, uma vez que “objetivos” está no plural e ainda é acompanhado de um adjetivo modificador “principais”. A expressão conectora encabeça as orações “remover uma peça do sistema de resfriamento” e “instalar um módulo de abastecimento de satélite”, que são estruturas paratáticas interligadas pela conjunção “e”. Vale ressaltar que, com essas características, esse foi o único caso encontrado nos *corpora* analisados.

Apesar da baixa produtividade (apenas 1 dos 42 dados totais de *com o objetivo de*), esse dado merece nossa atenção porque reforça a defesa de que a construção ainda não apresenta grau máximo de fixação. A intercalação de elementos (“principais”) e a flexão de plural do determinante e do nome nuclear (“os objetivos”) comprovam a relativa composicionalidade do conector em foco e seu caráter mais marginal no rol dos articuladores sintáticos interoracionais. Afinal, o processo de *chunking* ainda está em processo. Casos como (12) demandam análises mais amplas em trabalhos futuros, inclusive com amparo em dados diacrônicos, para que sejam atestadas suas propriedades de modo mais adequado e fidedigno.

Nos dados coletados com o conector *com o intuito de*, não foram encontrados termos intercalados nem elementos flexionados em suas subpartes, como verificado em (12). Apesar do quadro de variação construcional atestado, essa pode ser mais uma diferença entre ambos os usos. Contudo, reiteramos que esse ponto ainda necessita de uma análise mais aprofundada.

4 Considerações finais

Neste trabalho, procuramos traçar, sob a perspectiva da LFCU, um estudo dos conectores *com o objetivo de* e *com o/no intuito de*, com base na análise de algumas ocorrências coletadas nos *corpora* sincrônicos de modalidade escrita do NUPACT.

A análise demonstrou que o esquema [X de]_{connect} na língua portuguesa, a partir do subesquema [Prep [det] N de]_{connect}, instância as microconstruções conectoras de finalidade *com o objetivo de* e *com o/no intuito de*, sendo a primeira a mais produtiva, predominantemente em sua forma posposta à oração matriz. No bojo dos processos que ensejam a formação desses conectores, entram em cena a neoanálise, o *chunking* e a analogização. Assim, a investigação empreendida permitiu a comprovação da hipótese anunciada, da mesma forma como possibilitou o cumprimento dos objetivos inicialmente elencados.

A análise também possibilitou desvelar importantes diferenças semântico-pragmáticas em relação à anteposição ou à posposição das orações finitas iniciadas por *com o objetivo de* e *com o/no intuito de*. Esse ponto merece uma investigação mais detalhada posteriormente, pois a posição de uma oração pode desencadear diferentes efeitos semântico-pragmáticos, especialmente no caso da hipotaxe (cf. DECAT, 2001).

Notamos também que não é incomum que outras construções com valor de finalidade sejam usadas no mesmo contexto das orações encabeçadas pelos conectores selecionados nesta pesquisa. Essa situação demonstra claramente um quadro de alternância entre construções ou de variação construcional (CAPELLE, 2006; HILPERT, 2014; PEREK, 2015). De fato, o elenco de conectores hipotáticos veiculadores da ideia de finalidade é mais vasto do que nos fazem supor as abordagens gramaticais tradicionais do português.

Em trabalhos posteriores, pretendemos aprofundar a análise das microconstruções investigadas neste estudo e ampliar a abordagem, já que o subesquema [Prep [det] N de]_{connect} sanciona outras microconstruções de valor final. Essa expansão do subesquema e a análise detida dos nomes que podem instanciar o *slot* nuclear dessas microconstruções são temas fundamentais a serem investigados com mais profundidade.

Em suma, sabemos que o inventário dos conectores em língua portuguesa é muito amplo e, como vimos, o domínio da finalidade vai além do que é previsto pelas gramáticas tradicionais, que apresentam, via de regra, uma lista lacônica com “a fim de”, “para que” e “para” (além de poucas outras conjunções). Portanto, em pesquisas futuras, pretendemos ampliar nossa colaboração para uma descrição mais completa da expressão da finalidade no português brasileiro contemporâneo, sempre a partir de investigações baseadas no uso real da língua.

Declaração de autoria

Ivo da Costa do Rosário - Planejamento do texto e análise de dados. Redação do artigo e revisão. Responsabilidade pela aprovação final do texto.

Brenda da Silva Souza - Concepção, coleta e análise de dados. Redação do artigo. Leitura crítica do texto.

Agradecimentos

O autor principal do texto agradece ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pela bolsa de produtividade em pesquisa, e à FAPERJ (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), pela bolsa de Jovem Cientista do Nosso Estado. Ambas as instituições auxiliaram no financiamento deste trabalho.

Referências

BECHARA, E. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BYBEE, J. *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: University Press, 2007.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, P. F. A.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (orgs.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. 1.^a ed. Niterói: Eduff, 2017. p. 17-46.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M. B. N. *et al.* (orgs.). *Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado das Letras, 2001. p. 103-166.

DIAS, N. B. *As cláusulas de finalidade*. 2002. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas, 2002.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad - Faperj, 2013. p.13-39.

GIVÓN, T. Inter-clausal connections and discourse coherence. In: GIVÓN, T. *English Grammar: a function-based introduction*. Vol. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 1993. p. 285-342.

- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicado Press, 1995.
- HENRIQUES, C. C. *Sintaxe Portuguesa para a linguagem culta contemporânea*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2003.
- HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (orgs). *Approaches to grammaticalization: Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins. 1991. p. 17-36.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- KURY, A. G. *Novas Lições de Análise Sintática*. São Paulo: Ática, 2003.
- LANGACKER, R. W. Syntactic reanalysis. In: Li (ed). *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin: University of Texas Press, 1977. p. 57–139.
- LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (orgs.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988. p. 181-226.
- LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. São Paulo: Globo, 2000.
- MARCHON, A. H. *As teias da argumentação: um estudo sintático-discursivo da hipotaxe circunstancial*. 2017. 202 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.
- MELO, G. C. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2001.
- NOVO, I. R. *Análise funcional das microconstruções conectoras substitutivas em lugar de, em vez de e ao invés de: um estudo pancrônico*. 2020. 217 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2020.
- PEREK, F. *Argument structure in usage-based construction grammar: Experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.
- RIBEIRO, M. P. *Nova Gramática Aplicada da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Metáfora, 2004.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 60, p. 233-259, 2016. DOI: 10.1590/1981-5794-1608-1 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>

ROSÁRIO, I. C. Construções correlatas aditivas são estruturas de coordenação? In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: EdUFRN, 2018. p. 210-250. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/25293>

ROSÁRIO, I. C. *Esquema [X de]_{connect} em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso*. Projeto de pesquisa apresentado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. 2020.

THOMPSON, S. A.; LONGRACE, R. E. Adverbial clauses. In: SHOPEN, T. (ed.). *Language typology and syntactic description: complex constructions*. v. II. Cambridge: Cambridge University, 1985. p. 237-269.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. 2005. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.